

# A DIRETORIA DE HIDROGRAFIA E NAVEGAÇÃO E O BARÃO DE TEFFÉ:

*o legado de um pioneiro,  
a vocação das águas e o  
nascimento de um líder*

Luciana Matheus \*

A história da soberania brasileira e o desenvolvimento de sua segurança marítima estão intrinsecamente ligados à figura do Almirante Antonio Luiz von Hoonholtz, o Barão de Teffé.

Nascido em Itaguaí, Rio de Janeiro, em 9 de maio de 1837, filho de um oficial prussiano, Teffé transcendeu a carreira militar para se consolidar como um cientista e explorador; seu rigor técnico e precisão científica estabeleceram os pilares fundamentais da Hidrografia moderna no Brasil.

Desde sua formatura na Academia de Marinha como guarda-marinha em 1853, sua trajetória foi marcada por uma dualidade produtiva: a coragem do combatente e a precisão do hidrógrafo. Sua atuação permitiu que a Marinha do Brasil deixasse de ser apenas uma força de defesa para se tornar uma instituição geradora de conhecimento cartográfico e científico, culminando no que hoje conhecemos como a Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN).

Autodidata e com precoce vocação para a Matemática, o ainda Guarda-Marinha Hoonholtz aprofundou-se no estudo da alta Astronomia e da Hidrografia.

Esses estudos já haviam chegado à altas esferas da Marinha, que designou o Segundo-Te-



nente Hoonholtz como Instrutor de Hidrografia dos guardas-marinha em viagem de instrução à Europa a bordo da Corveta “Bahiana”, em 1859. Nesta ocasião escreveu o primeiro compêndio de Hidrografia em língua portuguesa, mais tarde aprovado pelo Conselho de Instrução e adotado para o 4º ano do curso da Escola da Marinha.

De regresso desta viagem, foi designado para efetuar o levantamento da Planta Hidrográfica da Ilha de Anhatomirim, em Santa Catarina, a bordo da Canhoneira “Belmonte” e, na sequência, o levantamento da Planta Hidrográfica do Canal de Santa Catarina, quando, já Primeiro-Tenente, assumiu o comando da Canhoneira “Araguary”.

Encerrado esse levantamento em meados de 1864, quando as relações entre Brasil e Paraguai já estavam bastante estremecidas, em dezembro Hoonholtz é nomeado para executar o levantamento da Planta Geral da Costa do Império, realizando um ideal científico que sempre acalentara.

No entanto, apesar da dor de interromper trabalho de tal envergadura, não hesitou em pleitear seu lugar na Esquadra de Tamandaré, e dirigiu ao Quartel-General ofício nos seguintes termos:

*“Sou hidrógrafo em tempo de paz; mas, em tempo de guerra, reivindico os meus foros de oficial combatente e por isso me apresso em solicitar de V. Exa. permissão para conduzir o navio de meu comando ao Porto do Rio de Janeiro a fim de completar sua artilharia e munições bélicas e partir para o Rio da Prata a incorporar-me à divisão em operações”.*

### **O BATISMO DE FOGO E A HIDROGRAFIA ESTRATÉGICA**

A carreira de Hoonholtz demonstra que, no século 19, a Hidrografia era uma ferramenta de defesa nacional. Os levantamentos hidrográficos em Santa Catarina não foram tarefa puramente acadêmica; a ilha era o ponto de apoio logístico essencial para qualquer incursão no Rio da Prata. Com o início da Guerra da Tríplice Aliança em 1865, sua expertise técnica foi testada no campo de batalha. Incorporado à Força Naval do Almirante Barroso, Hoonholtz participou de momentos decisivos:

- A Tomada de Corrientes – seu batismo de fogo;
- Batalha Naval do Riachuelo – onde a resiliência da Canhoneira “Araguari” foi provada; e
- Operação Passo da Pátria – sendo o mais jovem dos comandantes, sua experiência hidrográfica foi o diferencial para o sucesso do desembarque das tropas em território paraguaio.

Junto a nomes como o Barão de Jaceguai, ele realizou sondagens de elevado risco no Rio Paraná sob o fogo constante do Forte de Itapirú. Este episódio ilustra como a Hidrografia garantiu a vantagem tática necessária para a invasão e a vitória das forças aliadas, provando que conhecer o leito dos rios era tão importante quanto o poder de fogo dos canhões.

### **A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA E A CRIAÇÃO DA DHN**

Após o conflito, Hoonholtz consolidou-se como a maior autoridade técnica da Marinha em Hidrografia. Sua visão de que o Brasil precisava de um órgão centralizado para gerir o conhecimento náutico levou-o a ser o primeiro diretor da Repartição Hydrographica, o embrião direto da atual Diretoria de Hidrografia e Navegação.

Sob sua liderança, a Hidrografia brasileira alcançou níveis internacionais de excelência. Dois feitos destacam-se como pilares de sua contribuição científica:

#### **1. A Definição de Fronteiras no Alto Amazonas**

No início da década de 1870, o Capitão de Fragata Hoonholtz realizou o levantamento do Rio Javari, um trabalho árduo e de vital importância para a definição das fronteiras entre o Brasil e o Peru. Essa expedição não apenas garantiu a integridade territorial brasileira, acrescentando centenas de quilômetros de terras férteis ao País, como também rendeu ao explorador grandes honrarias.

Pelo sucesso da missão, o Imperador D. Pedro II concedeu-lhe o título de Barão de Teffé. Além disso, o prestígio de sua obra científica atravessou fronteiras, levando-o a ser eleito, em 1889, membro correspondente da Academia de Ciências Francesa — um feito inédito para um sul-americano, honra que compartilhava apenas com o próprio Imperador.



Recorte da Carta do alto Rio Javari, levantada e construída pela comissão mista dirigida por Hoonholtz pelo Brasil, e Guilherme Black pelo Perú (1874).  
Fonte: BDLB

## 2. A Passagem de Vênus e o Reconhecimento Mundial

Em 1882, Hoonholtz liderou a missão na Ilha de São Tomás, no Caribe, para observar a passagem de Vênus pelo disco solar. Este era um dos maiores desafios astronômicos da época para o cálculo da distância entre a Terra e o Sol. O trabalho da equipe brasileira foi tão preciso que permanece como referência histórica, elevando o nome

da Marinha do Brasil aos círculos científicos mais prestigiados da Europa.

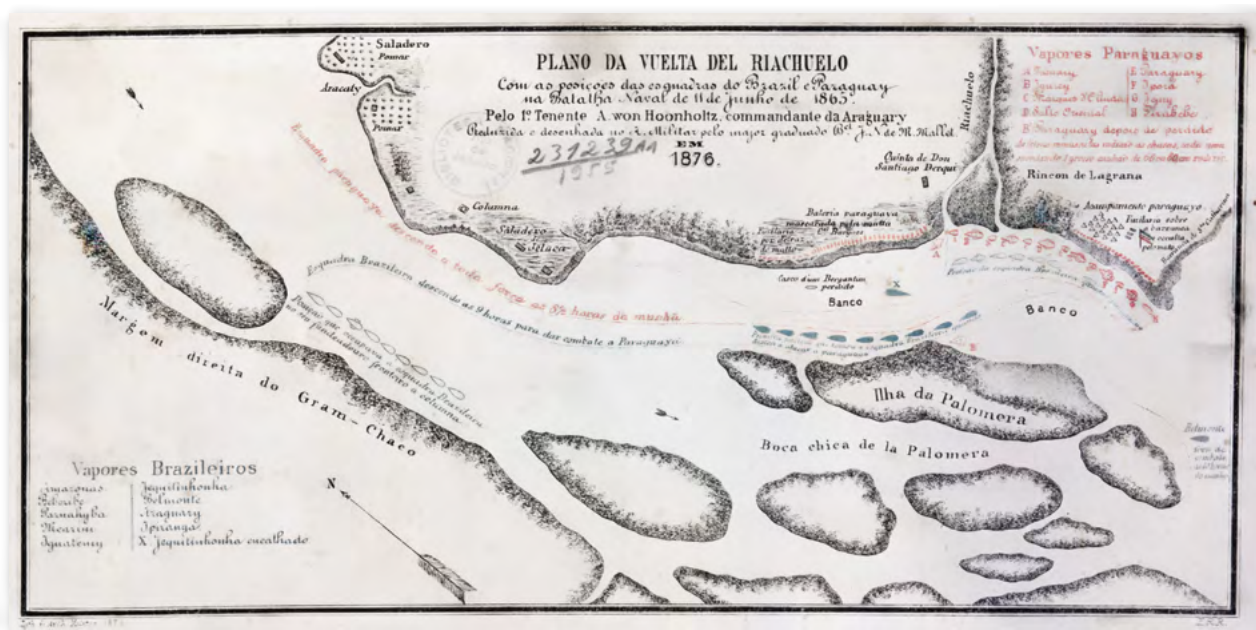
## TRANSIÇÃO PARA A REPÚBLICA E O LEGADO PERMANENTE

Com a Proclamação da República, o agora Almirante e Barão de Teffé continuou servindo ao Estado, mas desta vez no campo diplomático. Sua transferência para o Ministério das Relações Exteriores e sua atuação em diversas embaixadas na Europa demonstram a versatilidade de um homem que compreendia a importância da presença brasileira no cenário mundial, seja através das Cartas Náuticas ou das relações políticas.

Faleceu em 7 de fevereiro de 1931, deixando um legado que sobrevive em cada Carta Náutica produzida pela DHN. A relação entre Hoonholtz e a Diretoria é de DNA: ele fundiu na instituição a cultura do rigor científico, da exploração baseada em dados e do compromisso com a segurança da navegação.

## O FAROL DA HIDROGRAFIA BRASILEIRA

O Almirante Antonio Luiz von Hoonholtz foi a personificação do oficial-cientista. Através de seus feitos na Guerra do Paraguai, suas missões no Amazonas e seu reconhecimento pela Academia Francesa, ele provou que a grandeza de uma



Plano da "Vuelta del Riachuelo" com posições das esquadras do Brasil e Paraguai na Batalha Naval de 11 de junho de 1865 pelo 1º Tenente Antonio von Hoonholtz (1876) Fonte: BDLB



O Barão de Teffé em missão do Observatório Nacional para observar a passagem do planeta Vênus pelo disco solar em 6 de dezembro de 1882, na Estação da Ilha de São Thomás.

nação marítima depende da profundidade de seu conhecimento sobre suas próprias águas.

Hoje, a DHN mantém vivo o espírito do Barão de Teffé, operando com tecnologias de ponta, mas fundamentada no mesmo princípio estabelecido por ele: o mar e os rios só podem ser dominados por aqueles que se dedicam a entendê-los. Ele não foi apenas o primeiro diretor da Repartição Hydrographica; ele foi o arquiteto da mentalidade náutica brasileira.

### O LEGADO DE HOONHOLTZ: O NAVIO E O RECONHECIMENTO ACADÊMICO

A Marinha do Brasil imortalizou a trajetória do Almirante Antonio Luiz von Hoonholtz por meio de duas homenagens de grande relevância para a comunidade científica e naval: a designação de um navio pioneiro e a criação de uma das mais prestigiosas distinções acadêmicas da Força.

### O NAVIO DE APOIO OCEANOGRÁFICO "BARÃO DE TEFFÉ" (H 42)

Adquirido em 1982, o NApOc "Barão de Teffé" tornou-se um marco para a soberania científica brasileira ao liderar a entrada do País na Antártida. Subordinado à DHN, o navio foi o prota-

gonista das primeiras doze Operações Antárticas (OPERANTAR), realizadas entre os anos de 1982 e 1994.

Sua versatilidade foi comprovada ao longo de décadas:

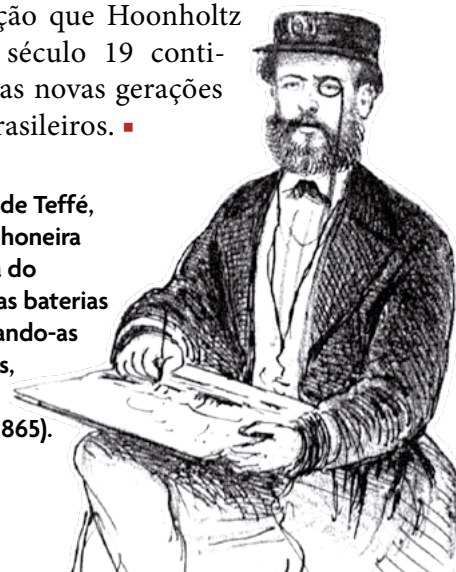
- Pioneirismo Antártico – foi o braço operacional da Hidrografia brasileira nas condições extremas do extremo sul;
- Apoio Logístico e Sinalização – em 1994, foi reclassificado como Navio Faroleiro, mantendo-se ativo em comissões de apoio logístico essenciais para a segurança da navegação; e
- Despedida – após vinte anos de serviços exemplares, o H 42 deu baixa do serviço ativo em 24 de julho de 2002.

### O PRÊMIO "BARÃO DE TEFFÉ"

O nome do Almirante vive no incentivo à excelência intelectual. A DHN instituiu o Prêmio "Barão de Teffé", uma honraria destinada a agradecer os alunos do Curso de Hidrografia que alcançam o melhor desempenho acadêmico.

Ao premiar a maior média nesta área técnico-científica, a Marinha garante que o rigor e a dedicação que Hoonholtz demonstrou no século 19 continuam a inspirar as novas gerações de hidrógrafos brasileiros. ■

Caricatura do Barão de Teffé, Comandante da Canhoneira "Araguari" na Guerra do Paraguai, passando as baterias de Cuevas e desenhando-as (por Henrique Fleiuss, publicado em *Semana Illustrada*, 1865).



### REFERÊNCIAS

Acervo Arquivístico da Marinha do Brasil - Teffé, Antonio Luiz Von Hoonholtz, Barão de NApOc/NF H-42 "Barão de Teffé" no site Poder Naval

\* Primeiro-Tenente (RM2-T), Encarregada da Divisão de Normas Técnicas do Centro de Auxílios à Navegação Almirante Moraes Rego